

ENTREVISTA COM ÁLVARO CARDOSO GOMES

Ana Paula Franco Nobile Brandileone¹

Beatriz da Silva Massari²

Fernanda Aparecida de Freitas³

Jamile Oliveira⁴

Vitória Beatriz dos Santos⁵

Álvaro Cardoso Gomes é um dos nomes de destaque das literaturas brasileira infantil e juvenil contemporâneas. Nascido em Batatais, interior de São Paulo, é crítico literário, ensaísta, romancista e poeta. É formado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), onde se tornou professor titular de Literatura Portuguesa. Especializou-se na literatura do final do século XIX e em poesia e romances contemporâneos. Fez pós-doutorado em Portugal e nos Estados Unidos e ministrou aulas de Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia e no Middlebury College, ambos nos Estados Unidos. Dono de uma vasta produção literária infantil e juvenil desde os anos 80, o escritor criou um projeto editorial de sucesso intitulado "Meu amigo escritor", publicado pela Editora FTD. O objetivo central do projeto, segundo afirma na entrevista a seguir, é aproximar os jovens leitores dos grandes clássicos das literaturas canônicas, brasileira e portuguesa. São sete os romances publicados até o momento pela coleção: *O poeta que fingia* (2010), *Liberdade ainda que tardia* (2012), *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* (2014), *A menina que conheceu Mário de Andrade* (2018) e *Entre a pena e a espada* (2020), escritos por Álvaro Cardoso Gomes, e *O poeta do exílio* (2011), *Morrer amanhã* (2014), escritos por Marisa Lajolo e Márcia Abreu, respectivamente. Os romances possuem como eixo organizador a intertextualidade, a partir da qual os autores constroem biografias romanceadas (GRANDE, 2016) sobre Fernando Pessoa, Tomás Antônio Gonzaga, Machado de Assis, Mário de Andrade, Camões, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo. Essa coleção já obteve importantes premiações: *O poeta que fingia* ficou em segundo lugar na categoria

¹ Doutora. Professora Associada do curso de Letras e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. E-mail: apnobile@uenp.edu.br. Orcid: 0000-0001-5446-3957

² Graduada no curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. Professora da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Cornélio Procópio. E-mail: biahmassari@gmail.com. Orcid: 0000-0003-3318-6801

³ Graduada no curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: fernandaapffreitas@gmail.com. Orcid: 0000-0002-9912-8324

⁴ Graduada no curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. E-mail: oliveirajamile568@gmail.com. Orcid: 0000-0002-8253-2478

⁵ Graduada no curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), *campus* Cornélio Procópio. E-mail: vitoriarou@hotmail.com. Orcid: 0009-0005-1402-5748

romance juvenil do Prêmio Jabuti, no ano de 2011, *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, com o terceiro lugar, na mesma categoria, em 2015, e *O poeta do exílio*, com o prêmio da ABL.

Da coleção “Meu amigo escritor”, damos destaque a *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, que norteou as atividades voltadas ao letramento literário, desenvolvidas no âmbito da Residência Pedagógica (CAPES), na Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* Cornélio Procópio, entre os anos de 2020 e 2022. A obra apresenta como personagem protagonista Machado de Assis que, às vésperas de sua morte, decide registrar, num caderno, alguns momentos importantes de sua vida, com a ajuda de seu secretário, Hermenegildo. Desse modo, a narrativa é contada sob a sua perspectiva; daí a notação subjetiva/intimista do texto. Nem por isso, Gomes se descuidou da base histórica do enredo: o Rio de Janeiro no século XIX, as livrarias e seus lançamentos e os aspectos da sociedade oitocentista, dividida entre os remanescentes da nobreza, a burguesia ascendente, as classes pobres e os escravos. Transformado em narrador de sua própria história, Machado de Assis aparece humanizado para o leitor, tornando-se, como afirma, Passos (2014), “nosso igual”.

Na medida em que Machado narra a sua intimidade por meio dos registros, alguns fatos relevantes de sua vida vão sendo desvelados, tais como a infância pobre, a relação com a família, a lenta ascensão social, o amor por Carolina, sua trajetória como escritor e a amizade com os escritores de seu tempo, como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida e Euclides da Cunha. E é nesse embaralhamento entre fato e ficção, que o leitor convive com personagens de papel, como Hermenegildo e sua mãe, os empregados da casa, Padre Siqueira, personagens secundários, como Natalino, e personagens históricos, por assim dizer, que existiram, mas que são ficcionalizados, como Carolina, os escritores do seu tempo; personagens que se encontram no mesmo plano narrativo.

A semelhança com romance de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas* não fica restrita no título, como à primeira vista se poderia supor. Ambos os romances valem-se da memória de seus protagonistas para rememorar acontecimentos vividos ao longo da existência. Por isso, a narração se faz em primeira pessoa, pelos narradores que também são protagonistas. Há, ainda, a forte presença da intertextualidade que, no caso do romance de Gomes, impulsiona o desenvolvimento das situações narrativas, bem como auxilia o leitor a distinguir o autor Machado de Assis, sujeito de carne e osso, de seu personagem feito de papel. O cruzamento intertextual pode, também, ser notado a partir da construção de alguns personagens que, interlocutores de Machado de Assis ao longo da obra, são responsáveis pela condução para o universo discursivo da produção literária machadiana, como Carolina, Padre Siqueira e Hermenegildo; estratégia narrativa que ajudar o leitor na compreensão de alguns aspectos da obra machadiana.

Outro recurso narrativo presente em ambos os romances é a metalinguagem, que se manifesta no romance quando Machado, o personagem, reflete sobre o próprio ofício da escrita, explicando a Hermenegildo ou a Carolina o processo de criação de suas obras. A seguir trecho em que Machado de Assis descreve como foi a escrita de um dos capítulos de seu grande romance, *Dom Casmurro*:

Estava inspirado naquele dia e escrevia com rapidez. Meu romance prometia, os personagens ganhando um perfil definido, e os fatos do enredo se concatenando com solidez. Assim, escrevi até me doer a mão. Parei para descansar um pouco, tirei os óculos e limpei as lentes com um lenço. Repondo-os, li o que havia escrito, cortei uma palavra, uma frase, e reescrevi o parágrafo que começava por “Fui devagar ...” e não me parecia nada bem. Uma hora depois, satisfeito com o resultado, passei todo a limpo o capítulo XXXII, que intitulara “Olhos de ressaca”, tarefa que me exigiu umas duas horas de trabalho [...]. (GOMES, 2014, p. 34)

Dada a tênue fronteira tênue entre fato e ficção, o romance fomenta a imaginação do leitor não apenas por trazer à tona a gênese de algumas de suas principais obras, mas também por tratar do seu relacionamento com Carolina, dos seus afazeres rotineiros, da sua relação com seus amigos escritores (Lima Barreto, Mário de Alencar e Euclides da Cunha), além da relação de carinho e amizade estabelecida entre Machado e Hermenegildo; este personagem de papel.

Objeto de estudo e análise, *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* foi a obra selecionada para a elaboração de uma proposta didática, que foi implementada para duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, do 3º Colégio da Polícia Militar, no município de Cornélio Procópio. As atividades que orientaram o subprojeto, intitulado “Residência Pedagógica: formação de professores de Língua Portuguesa e Literatura para a Educação Básica”, estiveram, de um lado, voltadas para ações que visassem ao letramento literário, baseando-se nos pressupostos metodológicos de Cosson (2007), mais especificamente a sequência expandida, para o desenvolvimento de atividades sistematizadas de leitura literária, articulando produção escrita e a prática da oralidade. Por outro lado, mas de forma complementar, objetivou apontar para uma prática pedagógica que possibilitasse aos docentes em formação inicial, graduandos do curso de Letras, da UENP-CCP, adotar uma estratégia de ensino e aprendizagem da Literatura e, assim, nortear o trabalho de formação do leitor, sobretudo literário, bem como recuperar a leitura literária no espaço escolar.

A entrevista a seguir, com Álvaro Cardoso Gomes, é resultado de uma das atividades propostas na sequência didática de leitura literária com a obra *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, elaborada a muitas mãos – residentes/graduandos do curso de Letras, sob a orientação da

professora preceptora/regente, Profa. Me. Cristiane Romano, e da coordenadora do subprojeto, Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone. A entrevista ocorreu no dia 09 de novembro de 2021, de forma remota, via Google Meet, e contou com a presença dos bolsistas do Programa, das professoras Cristiane e Ana Paula, bem como dos alunos da escola. Na entrevista, Álvaro aborda as suas motivações para escrever, a repercussão das suas obras, sua relação com a literatura, suas vivências como escritor, entre outros assuntos. A entrevista foi, majoritariamente, norteadada por perguntas elaboradas pelos alunos da escola pública, selecionadas pelos graduandos. Vale ressaltar que na entrevista, as perguntas foram feitas pelos próprios alunos, de forma alternada.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Qual a parte mais fácil e a mais difícil do processo de escrita para o senhor?

A.C.G: O processo mais complexo é planejar. Escrever em si, para mim, não oferece grande problema não, pois tenho muita facilidade para escrever, mas, mesmo assim, preciso antes de um projeto. Preciso ter o começo e mais ou menos uma ideia de como vai ser o fim, e uma coisa importante também, que é quase uma superstição, necessito de um título, ainda que provisório. Se eu não tiver o título, não consigo escrever; ter o título, não sei por quê, me dá mais segurança. Foi o que aconteceu com *Memórias Quase Póstumas de Machado de Assis* que faz parte da coleção “Meu amigo Escritor”, em que eu tentei, com algum sucesso, fazer uma aproximação entre os jovens e os clássicos. A professora Ana inclusive tocou nesse tópico da dificuldade de se trabalhar com os clássicos. Dificuldade que conheço, porque também sou professor, e que tentei solucionar, de certa maneira, desmistificando, mostrando que o escritor é uma pessoa como outra qualquer, uma pessoa que tem sua vida, às vezes mais aventureira do que a das outras pessoas. No ano passado, terminei de lançar um outro livro dessa coleção chamado *Entre a pena e a espada*, que é sobre Camões. No caso desse autor, ele teve uma vida muito cheia de aventuras e que procuro explorar. Já o Machado de Assis teve uma vida bem simples, funcionário público, bem-casado, morando na mesma casa, frequentando os mesmos amigos e dedicando grande parte da vida a escrever. O que procuro fazer nessa coleção é, realmente, mostrar que o escritor é um ser humano comum, que se distingue dos outros apenas pela imaginação que o faz escrever. Era uma velha ideia que eu tinha e fazia tempo que queria escrever sobre o Machado de Assis, eu só não sabia como. Afinal, escreveria a respeito do quê? Trataria dele como? E foi daí que nasceu a ideia de fazer esse paralelo entre o Machado de Assis e o personagem dele chamado Brás Cubas, que faz parte do seu romance mais importante. Partindo disso, pensei: “puxa vida, eu poderia escrever umas memórias de Machado de Assis, mas não póstumas, e sim quase póstumas”. Tinha, portanto, essa ideia, um título e comecei a escrever. Lembro que quando comecei a redigir era uma outra história. Como achei que estava ficando chata,

que não despertaria o interesse, a curiosidade do leitor, aí me veio a ideia então de comparar o personagem com o autor. Comecei a escrever imitando, inclusive, o modo como Machado de Assis escreve. Se vocês lerem qualquer obra do autor, as mais famosas, podem perceber que ele gosta de escrever pequenos capítulos falando um pouco de tudo. Ele não só conta a história, mas faz também reflexões sobre a vida, sobre a arte, a literatura, com muita ironia e muito humor. Pois resolvi imitar esse estilo machadiano. O livro é composto por pequenos capítulos em que Machado de Assis fala um pouco de tudo: da amizade dele com o padre, sobre a teoria do tijolinho e, assim, fui produzindo a narrativa até o seu desfecho. Escrever essa história do Machado de Assis foi uma coisa muito prazerosa; fui do começo ao fim, sem atropelo, saiu fácil, saiu rápido. A editora adorou o projeto, e o livro está aí para seguir sua carreira.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Dos livros que você já escreveu, qual é o seu favorito? E porquê?

A.C.G: Eu publiquei muita coisa, é difícil falar qual o favorito. Geralmente respondo que o meu favorito é o que estou escrevendo no momento. Ali me apaixono, me entrego, esqueço da vida, esqueço dos outros livros. Acontece assim, mas, por razões históricas, alguns livros marcaram a minha vida, mais que outros. Por exemplo, tenho um livro que foi a primeira obra escrita para jovens (até a década de 1980, eu nunca tinha escrito nada para esse público). O livro se chama, *Hora do amor*, que se transformou, para minha surpresa, num best-seller da editora, vendendo muitos exemplares. Teve uma aceitação grande pelos jovens, tanto que eu comecei a viajar pelo Brasil, visitando escolas para falar da *Hora do Amor* e depois de outros livros que vieram na sequência. Esse livro me marcou muito. Depois, por circunstâncias de mercado e interesse das escolas, mudei um pouco e escrevi 5 livros para a coleção “Meu Amigo Escritor”: o primeiro foi sobre o Fernando Pessoa, os outros sobre Tomás Antônio Gonzaga, Machado de Assis, Mário de Andrade e, por fim, sobre Camões. Esses livros me levaram para um campo muito interessante, pois, pela primeira vez na vida, consegui juntar a minha atividade de professor e a minha atividade de ficcionista. Esses livros têm o poder de facilitar a entrada dos jovens na obra dos grandes escritores brasileiros e portugueses. Confesso a vocês que Machado de Assis causou muito impacto em mim, porque para escrever um livro desses... Por exemplo, às vezes vou escrever um livro e, dependendo do tipo de livro, escrevo ao sabor da minha imaginação. Mas, como gosto que as coisas sejam bem reais, em alguns pontos, consulto a internet ou mesmo livros, para aprender coisas de que não sabia ou conhecia. Eu tenho, por exemplo, uma série de livros do gênero policial, sendo assim, às vezes, preciso consultar o Google na questão de armas. Não entendo nada de armas e nem quero entender, mas, para escrever o livro, tenho que saber a diferença entre um revólver

Taurus e uma pistola Glock. Portanto, tenho que fazer essa pesquisa, mas a história em si “corre” tranquila. Com relação a Machado de Assis, tive que fazer uma releitura de quase toda sua obra, antes de começar a escrever, tive que pegar *Memórias póstumas de Brás Cubas* e fazer anotações; depois, fiz pesquisas sobre a vida dele e a cronologia. Reli com bastante critério para não cometer erros; tive que fazer uma pesquisa profunda, para poder saber sobre o autor. À medida que ia relendo, mais ia descobrindo como ele foi genial, como ele era à frente do seu tempo. Na verdade, Machado é um autor moderno, ele conta as coisas de um modo bem diferenciado do convencional. Por isso, às vezes acham que ele escreve difícil, por isso que às vezes se a gente pega um jovem e joga no colo dele um livro de Machado e fala para ele ler; ele, às vezes, não consegue. Por culpa do jovem? Não, por culpa da formação que ele teve e de uma falta de amadurecimento. É nesse sentido que esse livro meu pode ajudar o jovem a ler e gostar do Machado. Então dos livros que me marcaram, eu diria que são *A hora do amor* e *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Por que você gosta de escrever obras literárias?

A.C.G: Bem, eu gosto por uma razão talvez simples para mim, mas nem sempre simples para as pessoas. Eu gosto porque é uma forma de me distrair, me dá um prazer muito grande quando escrevo um livro e entro na história. É um meio de entrar na cabeça das pessoas, sem sair do meu computador; posso viajar qualquer lugar do mundo por meio das obras literárias. Já li muitos escritores e o modo que eles se relacionam com as obras varia. Há escritores que dizem que escrever é doloroso, que tiram de dentro algo que incomoda... para mim não é nada disso, para mim só tem alegria; eu gosto mesmo de escrever. Então, escrevo com alegria e sem dispensar o prazer. É porque gosto de passar para as pessoas certas coisas que penso sobre a vida, o amor, a morte, o trabalho, as relações humanas. Eu sinto que consigo, por meio da literatura, estabelecer um bom diálogo com os leitores. Por exemplo, eu não estaria aqui falando com vocês se não tivesse escrito esse livro. Um detalhe importante: voltei a escrever com paixão, em 2019, 2020, quando veio a pandemia, que foi um horror, uma praga, um apocalipse... Sofri muito com isso. Para começar, eu tinha um emprego numa Universidade, que acabei perdendo por circunstâncias de restrição de pessoal; era um emprego em que gostava de trabalhar, pois era gestor de um mestrado. E isso me causou um choque, porque nesse emprego eu costumava interagir com os colegas, mas, ao ser despedido, passei a ficar trancado em casa grande parte do meu tempo. E aí o que eu fiz para enfrentar a situação? Comecei a ler, me tornei um leitor até compulsivo; li uma quantidade enorme de livros. E então me veio a ideia de escrever um livro. Escrevi um romance que se chama *Panarquia*, um grosso volume que redigi em oito meses trancado em casa, no qual eu falo sobre esse tempo de trevas por que passamos. Assim, eu diria que a literatura, às vezes, me serve como um

meio de resolver alguns dramas que eu tenho e, quando coloco tudo no papel, posso conviver melhor com eles.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Quais eram as suas expectativas em relação à recepção da obra pelos leitores em formação? Após o lançamento essas expectativas se concretizaram?

A.C.G: Uma coisa que me toca muito é exatamente isso que a Maria Eduarda falou, a questão das expectativas. Para cada livro que escrevo, costumo colocar uma grande expectativa; sofro um processo de angústia, após o livro estar pronto e entregá-lo a editora. Primeiro, tenho o problema de encontrar editora para editar o livro; isso, ainda mais no tempo de hoje, causa algum sofrimento. Eu tenho sorte, pelo menos com essa coleção “Meu amigo escritor”, pois foi bem aceita pelas escolas. Então, na medida que penso em escrever um livro, às vezes, consulto antes os editores para ver a recepção da ideia por parte deles. No caso do Machado de Assis, sinceramente, estava esperando muito essa receptividade do livro e, para minha sorte ou pelas qualidades da obra, parece que teve ótima recepção. De todos os livros dessa coleção, aquele que mais atrai os leitores, alunos e professores, em primeiro lugar, é o livro sobre Fernando Pessoa, que se chama *O poeta que fingia*. Esse teve muito boa recepção, e o do Machado de Assis foi melhor ainda, porque foi incluído no PNLD. Isso me deixou satisfeito, porque o livro, de certa maneira, é como um filho. A gente espera o melhor para ele e, quando o livro é desprezado, ignorado pelos leitores, é algo doloroso para o autor. E diria que não é só para mim não. Ontem mesmo estava lendo uma biografia de um dos maiores escritores da humanidade, que se chama Marcel Proust. Ele escreveu uma obra monumental, imensa chamada *Em busca do tempo perdido*. É uma coisa maravilhosa, só que é um “osso duro de roer”. Li quase todos os volumes, e nem sempre é uma leitura muito fácil, às vezes, ele escreve um parágrafo que ocupa uma página inteira do livro, entrando na mente dos personagens, descrevendo sentimentos, sensações. Proust, quando terminou de escrever o primeiro volume, mandou-o para os editores que ficaram horrorizados: “O que esse cara quer dizer com essa história, ele fica descrevendo os sentimentos de uma pessoa que não consegue dormir com insônia, que é isso?”. Ele foi desprezado, ninguém o lia; foi difícil ele conseguir se tornar uma unanimidade. Não só ele, vários escritores têm essa decepção e eu, de vez em quando, também tenho decepções muito grandes. Agora, o livro de Machado de Assis, felizmente, correspondeu a todas as expectativas, não só pelo prazer da escrita ou porque a editora produziu o livro em tempo recorde. E, por fim, ganhei o prêmio Jabuti com *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*. Tudo isso me deixou satisfeito com a escrita desse romance e com a interlocução com meus leitores.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Enquanto escrevia o livro, o senhor passou por algum bloqueio criativo? Em caso afirmativo, o que fez para superá-lo?

A.C.G: Com o livro de Machado de Assis não, foi fácil, eu tinha muita coisa para escrever, muitas ideias; não sofri disso. Mas houve casos em que esse tipo de bloqueio aconteceu. Por exemplo, eu tenho um livro que é uma mistura de livro policial e ficção científica, que se passa num mundo distópico do futuro. De início, me pus a escrevê-lo com entusiasmo, mas chegou um momento em que me deu um bloqueio. Comecei a ficar cansado de escrever, e um sinal para mim de que um livro não vai dar certo é quando acordo de manhã, sento diante do computador, abro o arquivo com o livro, mas não sinto vontade de escrever. Ou quando eu tenho uma ideia e ela começa a me perseguir, mesmo durante a noite. Por exemplo, às vezes, antes de dormir, tenho uma pequena insônia e fico imaginando o livro. Mas quando escrever se transforma numa tarefa chata e incômoda, eu paro, porque para mim não pode ser uma tarefa, uma obrigação, não posso me forçar a escrever. Tanto é assim que, raramente, muito raramente, aceitei escrever sob encomenda. Quando alguém fala “Álvaro escreve um livro sobre tal assunto”; já cheguei a escrever, mas não gostei. O que eu gosto é quando tenho um assunto que me encanta e posso escrever e não sofrer aquilo que a Ana Clara chama de bloqueio.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: O senhor teve algum pico de criatividade durante o processo da escrita e em pouco tempo escreveu uma boa parte da obra?

A.C.G: É uma pergunta complicada essa... quando me falam do tempo para a escrita. Porque o tempo da escrita de um livro desse tipo não pode esconder o tempo da preparação. Escrever um livro não é só escrever, não vem na minha cabeça :“Vou escrever um livro sobre Machado de Assis, qual título será que eu dou? Ah *Memórias quase póstumas do Machado de Assis*, vou escrever cento e seten...”. Não é assim. Eu tenho um longo período de preparação. Eu disse para vocês que tive que reler quase todo o Machado, ler a sua biografia, ler crítica sobre ele. Creio que leva mais tempo preparar do que escrever, porque escrevo rápido, rápido demais mesmo. Na verdade, o ato da escrita para mim, que é uma coisa prazerosa, não é demorado; é uma coisa que vai num ritmo só meu. Mesmo que eu tenha um bom projeto, não gosto de me forçar; gosto de escrever bem, com tranquilidade e sossego. Por exemplo, não gosto de escrever com barulho do meu lado, com gente falando, com confusão. Às vezes, estou escrevendo e vem o meu gato – aliás, tenho paixão por gatos –, o Bebê, e ele gosta de andar em cima do computador. Então, estou distraído escrevendo e, de repente, sinto aquele peso em cima do teclado. Nesse caso, o gato também interfere, mas é uma intervenção divertida... Na verdade, o tempo para se escrever um

livro varia bastante. Por exemplo, o romance *Panarquia*, que me obrigou a reservar oito meses de trabalho diário, de quatro a cinco horas, todos os dias.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: O que levou o senhor a escrever este livro, qual foi a motivação?

A.C.G: A grande motivação está, em parte, naquilo que já disse. Primeiro, quis escrever sobre Machado de Assis, mas não queria escrever uma obra técnica, acadêmica, não tinha interesse. Dentro da universidade, como professor, escrevi, em grande parte da minha vida, livros acadêmicos e de estudos, mas sobre Machado de Assis não tinha essa curiosidade. A grande motivação veio quando criei essa coleção, quando comecei a pensar nesse grande problema que era o do ensino ou da leitura dos clássicos pelos jovens. Era um tema que vinha me perseguindo há muito tempo e, às vezes, eu dava até palestras sobre isso. Professores nas escolas que eu visitava me perguntavam “Olha o que a gente faz para motivar os alunos? É difícil, eles não gostam de ler, como fazer?”. Aí me veio na cabeça criar essa coleção “Meu amigo escritor”. Escrevi um projeto de como seria uma possível uma coleção desse tipo e o ofereci à minha editora, a FTD. Os editores ficaram entusiasmados e me perguntaram se eu já tinha um piloto, ou seja, o primeiro livro. Eu já tinha, mais ou menos, um resumo, algumas páginas escritas do livro sobre o Mário de Andrade. Eles adoraram e acharam maravilhoso, só que tinha um problema técnico. Não sei se vocês sabem, mas para a gente poder escrever sobre um escritor, usando parte da obra dele, é preciso que se passem 75 anos da morte, para cair naquilo que se chama “domínio público”. Assim, se eu quiser escrever um livro sobre Carlos Drummond de Andrade, posso escrever, só não posso citar grande parte da sua obra, porque não passou o prazo da morte do poeta. No caso, seria preciso pagar direitos autorais. O mesmo acontece com Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos. São escritores sobre os quais gostaria de escrever, mas, por esse motivo, não posso. No caso do Mário de Andrade, faltavam três anos para se completarem os 75 anos, aí, tive que desistir de publicá-lo e parti para outro autor. Naquela época, nos anos de 2008, 2009, já estava com boas ideias sobre Fernando Pessoa e acabei escrevendo *O poeta que fingia* que, por não ter empecilhos quanto a direitos autorais, pois o poeta morreu em 1935, foi plenamente aceito pela editora. A minha motivação para escrever o Machado de Assis veio exatamente disso: produzir um livro que agrade e cause prazer nos jovens e que ele tenha essa função didática ou pedagógica: a de introduzir as pessoas, não só os jovens, no mundo maravilhoso de ficção do Machado de Assis, mas tornando mais fácil essa entrada. E o método mais adequado para conseguir isso não era ficar analisando o romance, estudando personagens, tempo, espaço, foco narrativo, etc. Nada disso! Eu fiz isso através do método do diálogo. Na história, Machado de Assis conversa com o garoto que, de certa maneira,

ele adotou, e que o ajuda a cuidar de sua biblioteca; é um garoto inteligente, que gosta de ler e que tem uma curiosidade muito grande. Então, ele lê, por exemplo, o conto “Missa do galo” e pergunta “O senhor Machado, porque o senhor fez isso, isso e isso? Porque aquela mulher, a Conceição, fica em casa se sente solitária...”. Machado de Assis não tem uma postura arrogante, pois ele vê que o menino tem interesse e conversa com ele de uma maneira franca, aberta sobre sua própria obra. Por meio desse diálogo, procurei mostrar aspectos interessantes de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de “Missa do galo”, de *Dom Casmurro* e, assim por diante. A motivação para escrever esse livro veio disso tudo aí.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Em linhas gerais, a obra *Memórias quase póstumas de Machado de Assis* se distingue de *Memórias póstumas de Brás Cubas* pela visão mais otimista sobre vida e o ser humano. Essa representação, que passa evidentemente pelo ponto de vista do narrador, tem a ver com sua perspectiva em relação a Machado de Assis, considerando a ampla pesquisa que fez sobre o escritor?

A.C.G: Em *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, o autor, transformado no personagem Machado, faz uma comparação entre ele e o Brás Cubas. Para descrever esse personagem, vou usar uma palavra pouco usada hoje em dia, um “safardana”; que é um sujeito que não vale nada. Ou seja, um ricoço, que não trabalha, dissipador, tem uma relação complicadíssima com as mulheres, cínico, até não poder mais, e que vê a humanidade com desprezo, passando pela vida como se ela não tivesse sentido algum. Por isso, quando morre, profere uma sentença terrível: ele não teve filhos e não deixou a herança da sua miséria. Essa é uma frase muito pesada. Já Machado de Assis, ao contrário de seu personagem, teve uma vida muito produtiva. Foi um excelente funcionário público, escritor de primeira linha. Amou uma única mulher e se dedicou a ela até o fim da vida. Não deixou de ser uma pessoa doente, mas isso não o impediu de pensar que o seu legado fosse mais importante do que qualquer fortuna. Um grande amigo meu, que morreu há pouco tempo, um poeta português, disse mais ou menos o seguinte num verso magistral: “que a gente deve deixar um selo de passagem em tudo o que se fizer”. Isso quer dizer que não podemos passar em branco pela vida, pelo contrário, devemos, na medida do possível, deixar em tudo uma marca. Se vocês olharem a sociedade brasileira, coisa mais fácil é encontrar indivíduos que passam pela vida sem deixar nada, que passam pela vida sem ter uma preocupação, ou formar família, ou educar filhos, ou ter um trabalho decente e honesto. Você vê por aí um monte de gente ambiciosa querendo fazer dinheiro a todo custo e fazer dinheiro, para quê? Ganhar dinheiro é bom, eu não sou contra ganhar dinheiro, mas desde que o dinheiro sirva a um fim decente, né? Então a gente percebe isso à nossa volta, pessoas que não deixam um “selo de passagem”. Na Grécia Antiga, um

homem chamado Homero escreveu uma obra maravilhosa, *Iliada e Odisseia*, com heróis de que os leitores não esquecem jamais. Por que esse escritor nos legou tantas coisas admiráveis? Vários escritores, mas não só escritores, também músicos, pintores, artistas plásticos deixaram o seu nome para a posteridade, porque se entregaram à vida produzindo algo que ficará para sempre na memória dos outros. É preciso, pois, deixar nossa marca em tudo que vivemos. Eu diria que o Machado de Assis, nesse sentido, é um otimista, se não o fosse, por que ele iria escrever contos e livros que prendem tanto a nossa atenção? E tão significativos como “Missa do galo”, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e, assim por diante.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Ao longo da obra podemos notar a presença de ilustrações que remetem a algum acontecimento mencionado nos capítulos. Para você, as ilustrações são importantes para o entendimento da sua obra, ou você as entende como um complemento ao enredo?

A.C.G: A ilustração é feita por um ilustrador, de nome Alexandre Camanho, que a FTD contratou desde o primeiro livro da coleção “Meu amigo escritor”, aquele sobre o Fernando Pessoa. Ele faz uma ilustração muito peculiar, como uma caricatura. No caso do livro sobre Camões, ele desenhou uma figura clássica do escritor, com a coroa de louros na cabeça, navegando no mar e tendo por lança uma pena de escrever. Já Fernando Pessoa, andando com um guarda-chuvas e deixando marcas dos pés para trás, que seriam os heterônimos; Machado de Assis, na capa, é velhinho, com os cabelos espetados, escrevendo. Cada livro obedece ao mesmo princípio, a figura, o nome do autor biografado e um balão com o título, abaixo, em outra cor, o nome do biógrafo-romancista. Todos os livros dessa coleção têm essa mesma característica. Geralmente, eles não me pedem para dizer qual ilustração eu gostaria de ter; foi a editora que resolveu dar a mesma cara para toda a coleção, o que eu acho bom, porque dá uma continuidade de livro para livro, mostrando que eles pertencem à mesma série. De maneira geral, gosto do que o Alexandre Camanho faz. Acho que ele segue uma linha divertida, interessante. Mas algumas coisas da ilustração eu gosto mais e outras eu gosto menos, na maioria dos casos eu sinto satisfação, pois acho que ele compreende bem o espírito da coleção, dando um tom irônico ao desenho. Mas não é a minha praia, eu diria, fazer desenho, desenhar. Gosto muito artes plásticas, gosto muito de olhar quadros, mas eu não tenho talento nenhum para desenho, o que me leva a respeitar quem o tem. Às vezes, acontecem pequenos incidentes. Como, por exemplo, no livro sobre Camões. O poeta é amigo de um garoto que tem entre 15 e 16 anos e que parte com ele para as Índias. Quando eu descrevo esse garoto, digo que ele é bem alto para a idade, cabelo bem preto e olhos azuis. Quando fui olhar a ilustração, o menino aparecia com o olho marrom; é um detalhezinho bobo, mas, quando

recebi a prova do livro, achei bom alertar os editores. Não que isso influencie muito, mas é chato, a criança está lendo e fala que o rapaz era alto, cabelos negros, anelados e olhos azuis e, quando vai olhar a ilustração, o personagem tem olho castanho? Nesse caso, achei bom dar meu palpite, mas, de maneira geral, eu acho que as ilustrações do livro do Machado de Assis são bem divertidas, como, por exemplo, na página 94, em que aparecem o crente e o descrente. Na ilustração em que o Machado de Assis joga xadrez com o Padre, a cena está engraçada, ou então no capítulo da “Teoria do Tijolinho”, em que ele coloca o homem todo vaidoso se enfeitando diante de um espelho; o que nos remete àquele conto famoso de Machado “O espelho”.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Em *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, você criou personagens-interlocutores que são responsáveis não apenas por conduzir para o universo discursivo da produção literária de Machado de Assis, que se dá pelos cruzamentos intertextuais, mas também pela condução hermenêutica da obra machadiana: Carolina, Padre Siqueira e Hermenegildo. Qual foi a sua intenção em criar essa estratégia narrativa? Foi uma tentativa de ajudar o leitor na compreensão de alguns aspectos da produção machadiana?

ACG: Tem sim, é proposital. Por exemplo, a relação de Machado com Carolina, que foi sua grande companheira. Ela não só lia os livros dele, como também passava a limpo; ela fazia esse trabalho e tinha prazer em fazer isso. Ela também tinha uma cadernetinha, em que anotava frases de autores famosos para o Machado utilizar. Como naquela época não havia Google, ela, de certo modo, acabava por exercer esse papel. Assim, Carolina, no meu livro, tem um papel importante. Primeiro, isso que você disse com propriedade: ela ajuda a traduzir para o leitor certas metáforas mais complexas, como o que seriam os “olhos de ressaca”, que não tem nada a ver com bebida, ao contrário do que muitas pessoas andam falando por aí. Capitu não era de beber – ressaca, no caso, é a ressaca do mar. Então, ela ajuda o leitor, conversando com Machado e, ao mesmo tempo, tem um papel importante, que é levar o marido a valorizar a figura feminina. Em alguns diálogos, ela fala, em tom de brincadeira, sobre a maneira que o personagem vê a mulher. Assim, ela tem o papel de abrir os olhos do Machado em relação ao sexo oposto, para considerar, valorizar a mulher e, ao mesmo tempo, ajudar o leitor a entrar na obra. Carolina vai conduzindo os diálogos, como um meio do interlocutor de penetrar em certas coisas mais complexas da narração. Por exemplo, o diálogo que Machado mantém com aquele padre, de quem gosta muito, mas existem diferenças enormes deles em relação ao sentido da vida. Uma coisa que sempre me “encucou”, quando li Machado de Assis, com uma ideia parecida com a do Padre, é que o autor tem uma visão muito pessimista da vida. Por exemplo, aquela ideia de dar ao vencedor as batatas, que é atualíssima, e quer dizer que na vida vencem os mais fortes, os mais fracos são destruídos, devorados, levou-me

a pensar cá comigo: “Como que o Machado de Assis pode dizer uma coisa dessas se ele, um homem pobre, negro, vivendo em uma sociedade escravocrata, gago, epilético, filho de uma ex-escrava, com uma vida que era só para dar errado e, sem mais nem essa, se torna o maior escritor brasileiro de todos os tempos?”. Então, entre a criação literária e a vida dele há uma diferença, o que o levou a dizer: “Eu não amo a humanidade no geral, na humanidade eu amo certas pessoas, em particular”. Machado ama Carolina de paixão, tem ótimas relações com os amigos escritores e, na minha história, passa a gostar muito do Hermenegildo, que é outro interlocutor importante para ele. Por isso, você tem toda razão, eu criei diálogos, com certos personagens, pelo menos com três, Hermenegildo, Carolina e com o padre, que ajudam a discutir certos problemas. O livro ficaria muito fácil, se eu parasse a narrativa e dissertasse sobre o que Machado de Assis discorre num determinado livro a respeito do conceito de Humanitas... Isso não funciona, ia ficar uma chatice. E outra coisa que tentei fazer e acho que funciona, é que eu não só mostro o Machado de Assis escrevendo, mas também comendo bolo, tomando café, conversando sobre coisas banais do dia a dia, brigando com vizinhos porque reclamaram das folhas que ele colocava no fogo. Esses detalhes são bons para humanizar o escritor, e não o mostrar apenas como aquele velho, com óculos, barba grande. Nos demais livros da coleção, usei do mesmo expediente. No livro do Fernando Pessoa, por exemplo, criei a interlocução dele com um menino pobre, para poder explicar o fenômeno dos heterônimos. Em cada livro meu dessa série, eu invento um tipo de interlocução/interlocutor, para que o escritor se abra para o leitor de maneira indireta.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: O senhor poderia nos explicar sobre como foi construir os personagens de *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*?

A.C.G.: O meu processo de criação dos personagens varia, dependendo se o personagem existiu, no caso do Machado de Assis, da Carolina, de alguns amigos dele... e se ele não existiu. Há o próprio padre, que não existiu na vida do Machado, e com quem ele jogava xadrez. Eu sei que o Machado gostava de jogar xadrez, mas não com esse padre. Agora, para transformar em personagem, o processo é o mesmo. Tanto com as pessoas que existiram, de fato, quanto com pessoas que existiram só na minha imaginação. Porque também o Machado do *Memórias quase póstumas* só existe na minha imaginação. Porque, veja bem, como é que alguém poderia saber o que é que o Machado de Assis estaria fazendo às 16 horas de uma tarde quente no Rio de Janeiro, sentado em sua sala? É impossível saber disso, a não ser que haja um testemunho, uma pessoa que escreve um livro dizendo: “Olha, eu estive na casa de Machado de Assis dia tanto de tanto, ele estava sentado escrevendo *Dom Casmurro* e aí veio a mulher dele interrompê-lo com um chá.” Mas não havia nada escrito, isso tirei da minha cabeça. Então, no processo de criação, entram, primeiro,

fatos verdadeiros em que me apoio e fatos que crio com minha imaginação, como circunstância para a minha história andar. Por exemplo, quando comecei a escrever o livro sobre o Machado de Assis, não tinha ideia que esse padre iria aparecer. Quando eu estava escrevendo, apareceu um problema que me incomodava – a questão do Humanitas. Mais precisamente como Machado de Assis lidava com o pessimismo, a crença, enfim, com a religião. É claro que eu poderia ter seguido por outro caminho, por exemplo, colocando o Machado conversando sobre isso com a Carolina, mas ia ficar uma coisa muito restritiva. Achei que poderia dar um peso bem mais forte a essa discussão, colocando o Machado e o padre quase como antagonistas. Eles estão ali em uma luta, um tentando convencer o outro com suas ideias, suas crenças. O Machado de Assis, querendo escapar daquela armadilha que o padre arruma para ele. Então, aquilo tudo foi inventado para criar um momento de tensão no romance, porque sem tensão o romance não anda. É preciso ter um momento de espicaçar essa curiosidade do leitor: “será que o padre vai ganhar no xadrez e, com isso, ganhar a alma do Machado de Assis?” Enquanto eu escrevia, ficava torcendo para resolver aquele problema. Então é assim que eu trabalho, servindo-me de elementos da realidade, e tirando coisas da minha imaginação. Mas, a falar a verdade, também passei por esses problemas que são retratados no romance. Esses problemas de crença, de religião, tudo isso são coisas que fazem parte da minha vida que, com o tempo, tive que resolver. E se resolvi bem ou mal, isso é a própria vida que vai responder.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: No que você se inspirou para criar o personagem Hermenegildo?

A.C.G: Na realidade, o Hermenegildo, é inspirado em um personagem real... olha o nome: Astrogildo Pereira! Ele foi um escritor pouco conhecido. A obra dele pouca gente lê. Quando Machado era vivo, Astrogildo ainda era um menino. E eu lembro de ter lido em algum lugar, que ele foi visitar o Machado, quando este estava agonizando e, num gesto comovente, ele beijou a mão do escritor. Astrogildo também foi escritor, produziu muita coisa, inclusive livros sobre o Machado de Assis. Aí eu fiquei com aquele nome na cabeça, Astrogildo, e, achando interessante, pensei: “Eu poderia reconstruir o Astrogildo e introduzi-lo dentro da história”; aí, criei o Hermenegildo. Só que o Astrogildo era branco e o Hermenegildo era negro. Mas fiz de propósito, ele, um negro, para poder contracenar com o Machado e servir-lhe de interlocutor. Hermenegildo vai ser o grande amigo do Machado e vai abrir as portas para o leitor, de modo a ele poder entrar na vida do escritor.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Na obra *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*, a personagem Carolina tem uma personalidade forte e exerce grande influência sobre Machado. No capítulo I, podemos observar que ela questiona o marido sobre o modo em que ele figura as personagens femininas de *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Capitu e Marcela, "ora são fingidas, ora interesseiras". É interessante ressaltar que apesar de serem representadas como "dissimuladas" nas obras machadianas, percebemos que tanto Capitu quanto Marcela não estão dentro dos padrões da época, simbolizando, de certo modo, uma resistência a esses padrões, já que são mulheres de atitude e que exercem suas vontades. Dito isso, gostaríamos de saber como foi o processo de criação da personagem Carolina? Ela foi inspirada em alguma das personalidades femininas machadianas?

A.C.G.: Sim e não. A Carolina, na realidade, obedece a um determinado padrão, porque era uma pessoa real. Sabe-se muito bem que ela exerceu uma grande influência sobre Machado de Assis. Primeiro, ajudou-o a dar respeitabilidade social para a sua vida. Era uma mulher inteligente, lia bastante, enfrentou a sociedade e os irmãos para se casar com o Machado. Ele era negro, tinha os problemas dele... ela, enfim, deu-lhe um respaldo para esse tipo de problema. Ela também o ajudava na prática literária, passando a limpo a obra de Machado. Ainda que eu não tenha elementos para dizer isso, desconfio que eles deviam ter muitas conversas sobre a sua produção literária, como se ela gostasse de dar palpites sobre a obra do marido. Carolina era uma mulher adiantada para a época. Agora, há uma diferença entre a Carolina e essas mulheres que você citou. Entre ela e a Capitu vai uma distância bem grande, porque a Capitu é um ser meio desalmado. A Capitu é uma mulher interesseira, que faz de tudo para subir na vida; quem leu *Dom Casmurro* percebe, nitidamente, que o Bentinho é uma vítima na mão dela. O que é que ela faz? Capitu percebe, desde o início, que Bentinho é dominado pela mãe, uma mulher severa, que conduz o filho do modo que quiser... O Bentinho não tem vontade própria. É um brinquedo na mão da mãe, na mão da Capitu e na mão do amigo Escobar. E a Capitu, muito atilada, sabe também como conduzi-lo. E é tão esperta que, logo no início, tenta conquistar, não o Bentinho, mas a mãe do Bentinho. Ela começa a agradar a futura sogra, porque sabe que, ao conquistar a mãe, as portas estarão abertas para ela se casar com o pobre rapaz. E está interessada no dinheiro dele, pois ele é rico e ela é pobre. Ela é uma mulher que tem um temperamento forte e, como é uma mulher belíssima, consegue facilmente envolver Bentinho. Não é à toa que aquele amigo José Dias diz que ela tem olhos de "cigana, oblíqua e dissimulada". Agora, a Marcela, não. Não creio que a Marcela esteja no mesmo patamar da Capitu. A Marcela é uma pobre coitada, uma cortesã. Ela se aproveita também do Brás Cubas, mas se aproveita, tira dinheiro dele e depois some na vida e tem um fim muito infeliz. Ela não tem a mesma estatura da Capitu. Capitu é "mulher", naquele sentido amplo da palavra. Poderosa,

empoderada, uma personalidade muito forte e que não vê obstáculos para conquistar aquilo que quer. E usa de um sujeito fraco, Bentinho, que não tem estrutura para suportar o embate... Para começar ele é Bentinho, “inho”, isto é, pequenininho. E, no fim da vida, ele é Dom Casmurro. O que é "casmurro"? Um homem fechado, amargurado. Quando ele sonha em se casar com a Capitu, ter uma vida maravilhosa ao lado dela e do amigo, é, de repente, vítima de um complô contra ele. Agora, a Carolina, não. É uma mulher, eu diria, mais humana. Ela é companheira, no sentido verdadeiro da palavra. Ela se casa com o Machado sem interesse, porque o Machado era pobre (ela, inclusive, tem uma situação financeira um pouco melhor que ele). Carolina não tem o interesse do tipo que a Capitu e também a Marcela têm, a não ser o amor que ela descobre por ele; por ser o gênio que era, por ser sua grande admiradora. Então, são mulheres diferentes. Eu acho que a Marcela era uma mulher do seu tempo; um tipo de mulher que os romances românticos franceses tratavam como arrivistas. O arrivista é uma pessoa que vê a sociedade como uma coisa ideal e tenta entrar nela de qualquer jeito. A Marcela é uma pobre de uma arrivista. Ela sobe até certo ponto e depois afunda. Agora, a Capitu é uma grande arrivista, pois consegue vencer apesar de ser pobre. Ela vence com a beleza, com o charme, com sua dissimulação. Mas, aos olhos irônicos do Machado de Assis, o que ela leva da vida? Não leva nada. No final, fica também sozinha, separada de um homem a quem ela não amou nunca. E vai ganhar solidão ao final. É assim que eu penso desse jogo de personagens femininas do Machado de Assis.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: Hoje o senhor mudaria algum aspecto da obra?

A.C.G.: Não sei, não sei se eu mudaria. Eu sei que meus livros, podem apresentar problemas, na construção do diálogo, nas narrações, nas descrições. Por isso, às vezes, eu gostaria muito de relê-los para fazer uma revisão. Mesmo o Machado de Assis, quando eu o leio, penso “Puxa vida, essa frase aqui poderia ficar melhor de outro jeito”. Se eu fosse modificar, seriam modificações pontuais, de linguagem, de construção. Mas nada de querer mudar a história, o que há de fundamental. Eu acho que meu livro está fechadinho, redondinho, se eu colocar mais coisas ali, não vou melhorá-lo, muito pelo contrário. É claro que um livro como esse do Machado de Assis, que é feito de pequenos capítulos, não custaria nada eu inserir um outro capítulo, ou um outro personagem que conversaria com o Machado, mas não dá. Eu acho que quando o imaginei, assim, caminhando para aquele fim, não pensaria em mudar, não. Acredito que, dentro das imperfeições humanas, ele está perfeito.

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A intertextualidade atravessa o romance. Entre as diversas obras incorporadas estão os romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba*

(1891), *Dom Casmurro* (1889), *Memorial de Aires* (1908), os contos “O espelho” (in *Papeis avulsos*, 1882), “O alienista” (*Papeis avulsos*, 1882), “A cartomante” (in *Várias histórias*, 1884), e poemas como “Carolina” (in *Dispersas*, 1906) e “Livros e flores” (in *Falenas*, 1870). Considerando que a produção literária de Machado, sobretudo seus contos, é bastante ampla e diversificada, gostaria de saber os motivos que o levaram a selecionar estes textos e não outros?

A.C.G: Para escrever o livro, tive que fazer um recorte. Machado de Assis escreveu 200 ou mais contos. Enveredei por um caminho pessoal, particular. Gosto muito desses contos, “O alienista”, “O espelho”, “Missa do galo” (não me lembro se eu uso mais algum). Mas há outros contos de que eu gosto bastante também, como “A causa secreta”, “Cantiga de esposais”, tem aquele da escola, do menino que se perverte por causa de uma moeda... Então a obra dele é muito vasta, complexa e, se eu fosse tratar de todos os textos, ficaria uma coisa complicada. No caso, preferi seguir o caminho temático, de acordo com o livro. Por exemplo, “O espelho” trata daquele tópico que acho muito interessante, da aparência, da vaidade humana. Na “Missa do galo”, trato da questão da solidão humana, da marginalização da mulher, da Conceição. Na “Cartomante”, trato da ironia crítica de Machado de Assis com a credence. E aquele conto “O alienista”, que aborda a ironia sobre a raça humana, tem um recado muito interessante: somos todos loucos, devemos, portanto, enfiar todo mundo em um hospício. O louco é menos louco que os loucos. Mas tive que fazer um recorte, eu não teria alternativa. Ele escreveu poucos romances: *Memórias póstumas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*... há também o *Memorial de Aires*, *Isaú e Jacó*, que não cheguei a comentar. Os romances românticos, deixei de lado igualmente: *Helena*, *Ressurreição*... não caberia. Decidi escolher as obras por temas, temas centrais na obra do Machado. Tive que fazer um recorte, do contrário, ficaria um livro imenso e ia perder o sentido. No fundo, não queria fazer um livro de estudos sobre o Machado de Assis. O caminho não é ler o meu Machado de Assis, para compreender melhor o Machado. O meu livro é uma abertura, é uma entrada para depois a pessoa ler mais coisas do Machado e ler grandes obras críticas sobre o Machado, que não é o meu caso. Meu livro não é uma leitura profundamente crítica sobre o Machado. Mais uma coisa: você usou a palavra “intertextualidade”, que é um recurso técnico de que gosto bastante de praticar. Não sei se perceberam, mas me apodero de frases do Machado de Assis, transformo-as e faço como se fossem minhas, ou seja, estabeleço um diálogo com o escritor. Por exemplo, há aquele capítulo em que ele está discutindo com a Carolina, e ela o convence a adotar Hermenegildo. Como ela “ganha” dele na conversa, demonstrando que sempre tinha razão, recriei o diálogo famoso de Machado de Assis “O eterno diálogo entre Adão e Eva”. Se a gente for ler o diálogo, percebe que não há palavras, só pontinhos, reticências. Eu acho isso genial e resolvi me apropriar, criando uma paródia desse “eterno diálogo...”. Machado tenta argumentar, e ela fica falando Blabláblá... Costumo fazer

muito disso. No livro sobre Camões, peguei versos de *Os Lusíadas* e coloquei na boca das personagens como se fossem falas delas. Gosto muito de dialogar com o escritor, conversar com o escritor e de me apropriar mesmo, sem pedir licença de ideias e frases deles.

Referências

- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*. São Paulo: FTD, 2014.
- GRANDE, Camila Arcade. *Memórias quase póstumas de Machado de Assis (2014)*, de Álvaro Cardoso Gomes: a biografia romanceada de Machado de Assis como ferramenta de formação de leitores literários no ensino básico. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 6, 2016, Londrina. *Anais...Londrina*, Universidade Estadual de Londrina, 2016.149-163.
- PASSOS, José Luiz. O grande Machado, nosso igual. In: GOMES, Álvaro Cardoso. *Memórias quase póstumas de Machado de Assis*. São Paulo: FTD, 2014. p.6-10.

Recebido em: 20/1/2023

Aprovado em: 12/6/2023